



## Fronteira do fora: pulsão da diferença na teoria queer

Por NATÁLIA SCHUCK  
SOFIA DANIELA GIACOBBO SCHONFFELDT  
BIBIANA MUNHOZ ROOS

natalia.schuck@univates.br  
sofischonffeldt@hotmail.com  
bibiana.munhoz@gmail.com

### Introdução

Esta escrita se desenvolve imersa aos estudos do grupo de pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq/Univates), vinculado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Mestrado e Doutorado em Ensino, do Centro Universitário Univates/Lajeado/RS/BR e ao projeto de pesquisa “Ensino e aprendizagem: o currículo em meio a práticas educativas e artísticas”. Os estudos do grupo de pesquisa estão voltados às ideias de pensadores da Filosofia da diferença, tais como Gilles Deleuze e Félix Guattari, Michel Foucault, Friedrich Nietzsche e Roland Barthes, tomando um olhar mais direcionado para as noções de aprendizagem e de currículo.

Em meio às investigações do grupo de pesquisa, este artigo vem com o intuito de problematizar a filosofia de Platão, a partir da perspectiva de Gilles Deleuze, tomando o simulacro como campo de potência. Para isso, inicialmente, expõe-se uma compreensão do simulacro, a partir do pensamento platônico e, por conseguinte, daquilo que se chama reversão do platonismo, noção desenvolvida por Deleuze. Posteriormente, pretende-se uma aproximação com a Teoria *Queer* e a reflexão de como a mesma pode ser um campo potente para afirmação da diferença. Afirmação potente do simulacro.

### I. Da lógica platônica e de sua reversão

O modelo de homem perfeito. O modelo de mulher perfeita. O modelo de casa perfeita, de trabalho perfeito, de relacionamento perfeito, de corpo perfeito. O modelo de vida perfeita. A sociedade está constantemente buscando viver por meio de modelos a serem seguidos, como se existisse um ou mais ideais intocáveis, aos quais as pessoas passam grande parte,





senão toda sua vida, lutando para reproduzir. Essa lógica não é recente, ela parte dos pressupostos imersos no pensamento metafísico e dualista de Platão, filósofo e matemático do período Clássico da Grécia Antiga, cujas ideias contribuíram para moldar e seguir moldando nossa sociedade até os tempos atuais.

Em seu livro VI da República (IV a.C), Platão traça uma linha metafísica que distingue o mundo inteligível do mundo sensível, isto é, o filósofo separa o mundo ideal, o qual denomina de mundo das essências, do mundo das aparências, o mundo da experimentação, dos corpos. Desta maneira, foi instituída uma cultura na qual a mente era pensada como instância separada e superior ao corpo, que por sua vez era tomado como cárcere da alma. Mente *versus* corpo, Essência *versus* aparência. Este pensamento dualista veio a ser conhecido como o domínio do pensamento platônico, a partir do qual produziu-se a ideia de modelos e cópias, em busca da perfeição, da interiorização de uma semelhança com a identidade superior.

O platonismo funda assim todo o domínio que a filosofia reconhecerá como seu: o domínio da representação preenchido pelas cópias-ícones e definido não em uma relação intrínseca com a um objeto, mas numa relação intrínseca ao modelo ou fundamento (DELEUZE, 1974, p.264).

A partir daí, criou-se uma hierarquia, em meio ao qual o conhecimento poderia dar-se somente pela via do mundo inteligível, já que o mesmo era considerado como mundo das ideias concretas, estáveis e imutáveis. Em contraponto, a instabilidade do corpo, o mundo sensível, constantemente mergulhado em transformações, era considerado como improvável ao conhecimento. Porém, existia uma maneira do conhecimento dar-se pela via do mundo inferior, desde que as suas imagens e matérias fossem submetidas às idealizações dos objetos do mundo das essências, pois “é assim que os corpos enlouquecidos que povoam o mundo sensível ganham contornos e limites, recebem uma ordem” (SALES, 2006, p.2).

Mas, e quanto aos corpos que não deixam se subjugar pelos modelos? E quanto aos corpos que não tem o interesse em estabelecer um nível de semelhança ao modelo? O simulacro tornou-se um termo muito associado a artificialidade, ao falso, ao indesejável.

Em suma, é a identidade superior da Idéia que funda a boa pretensão das cópias e funda-se sobre uma semelhança interna ou derivada. Consideremos agora a outra espécie de imagens,





os simulacros: aquilo a que pretendem, o objeto, a qualidade e etc., pretendem-no por debaixo do pano, graças a uma agressão, de uma insinuação, de uma subversão, “contra o pai” e sem passar pela Ideia (DELEUZE, 1974, p. 262-263).

Consequente a essa concepção pensada por Platão, o primeiro filósofo que debruçou-se sobre essa noção de simulacro, foi Gilles Deleuze, que tomou-a por outra via, enquanto campo de potência. O pensamento deleuziano busca, de alguma maneira, romper com uma série de conceitos da filosofia clássica e o simulacro foi um importante protótipo para uma série de conceitualização filosóficas inovadoras que são o motor crítico e criativo que sustenta a filosofia de Deleuze (MADARASZ, 2005).

Dessa maneira, em sua reversão do platonismo, Deleuze pretende encontrar potência naquilo que, para Platão, nada mais é do que a sobra, o exilado que ninguém mais deveria pretender. O simulacro, não mais nos últimos dos graus da hierarquia, pois o que se pretende é descolar-se das hierarquização e seleções possíveis, nem primeiros, nem segundos, nem terceiros, mas um condensado de coexistências, um simultâneo de acontecimentos. Para Deleuze (1974), o simulacro não é uma cópia degradada, ele encerra uma potência positiva que nega tanto o modelo como a reprodução, tanto o original como a cópia.

Por meio de um processo de criação e semelhança, na qual a identidade é pensada não a partir do semelhante, mas do que difere, “[...] o que seleciona são todos os movimentos que se opõe a seleção” (DELEUZE, 1974, p 270), isto é, o que se repete no simulacro é a diferença. A partir da afirmação do simulacro, e de uma fonte de elementos díspares, despreza-se as exigências impostas à serviço de modelos externos e supostamente majoritários, para permitir um jogo pleno de potências à superfície do mundo.

## **II. Do que se situa “fora”: os *queers***

Seria a contemporaneidade, o império dos simulacros? Daqueles que não se encaixam, dos sem-nome, daqueles que negam os modelos, das estruturas não lineares? Corpos recalcados durante tanto tempo pelo poder arbitrário, escapando, ou melhor, afirmando seu exílio, declarando sua rebelião.



O que está acontecendo com os modelos de homem e mulher? É possível e suficiente compreender somente o domínio ideológico de dois gêneros no contexto tão multifacetado e “diferente” em que vivemos? Do mesmo modo que a Filosofia da Diferença emergiu para romper com representações binárias e dicotômicas sobre as coisas e os sujeitos, a teoria “*queer*” emerge como um dispositivo que permite problematizar as percepções daquilo que, por vezes, é intitulado como “estranho”, “excêntrico”, não pertence ao plano da “normalidade”, algo que vem “do exílio”.

Os/as teóricos/as queer [...] apóiam-se fortemente na teoria pós-estruturalista francesa e na desconstrução como um método de crítica literária e social; põem em ação, de forma decisiva, categorias e perspectivas psicanalíticas; são favoráveis a uma estratégia descentrada ou desconstrutiva que escapa das proposições sociais e políticas programáticas positivas (SEIDMAN, 1995, p. 125).

A teoria *queer* emerge com uma visão direcionada contra a normatização, principalmente contra a heteronormatividade. Acredita-se numa formação discursiva da sexualidade, em que corpos a sexualidade são construções sociais, “através da ‘estranheza’, quer-se perturbar a tranquilidade da ‘normalidade’” (SILVA 2014, p. 105). Se por um lado, a palavra “*queer*”, na língua inglesa, foi/é utilizada não somente com uma conotação pejorativa referente à homossexualidade, mas também para designar aquilo que está fora dos padrões heteronormativos, por outro, ela tem sido usada, principalmente, como ferramenta para uma afirmação de identidade e legitimação de sua diferença, fazendo desta a sua própria diferença.

A força da teoria *queer* se faz presente naquilo que se encontra à parte das forças de regra instituídas; “*Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora” (LOURO, 2001, p. 546). Alimentando-se na presença de movimentos, rupturas, inquietações e balbúrdia contrárias a qualquer tipo de enquadramento, *queer* (aqui posto, propositalmente, sem qualquer artigo definido) não sobrevive se mantido em cativeiro, enjaulado e submisso perante o regulamento.

Historicamente, ao menos até a primeira metade do século XIX, o que se conhece por homossexualidade e o sujeito homossexual, um dia foi catalogado como sodomia, pecado capital e, indiscutivelmente, passível de fortes penalidades. É preciso lembrar, no entanto,



que mesmo após a segunda metade desse mesmo século, a homossexualidade foi -e ainda é- considerada muito mais como uma fuga da normativa do que de fato um crime. Ainda assim, não se excluem incessantes reproduções de violências, dos mais variados tipos, que repercutiram e se estendem até os dias atuais. É a partir dessa processualidade histórica que a homossexualidade começa a ser pensada por um viés muito mais social e político. Tal como expressa Guacira Louro:

A homossexualidade discursivamente produzida, transforma-se em questão social relevante. A disputa centra-se fundamentalmente em seu significado moral. Enquanto alguns assinalam o caráter desviante, a normalidade ou a inferioridade do homossexual, outros proclamam a sua normalidade e naturalidade - mas todos parecem estar de acordo de que se trata de um 'tipo' humano distintivo (LOURO, 2001, p. 542).

No Brasil, é em meados da década de 70 que se começou a pensar nas temáticas da homossexualidade e seus movimentos, as quais iniciaram ganhando espaço considerável na política, nas mídias, nas artes, em universidades e imprensa.<sup>1</sup> Mas é a partir da década seguinte que estudiosos e intelectuais formulam teorizações a respeito, em meio a qual a perspectiva de pensamento sobre a homossexualidade, toma um rumo mais acadêmico. Segundo Louro:

O discurso político e teórico que produz a representação 'positiva' da homossexualidade também exerce, é claro, um efeito regulador e disciplinador. Ao afirmar uma dada posição-de-sujeito, supõe, necessariamente, o estabelecimento de seus contornos, seus limites, suas possibilidades e restrições (LOURO, 2001, p. 544).

A filósofa pós-estruturalista Judith Butler (2002) discorre em sua teoria o conceito de *performatividade*; “a performatividade deve ser entendida não como um ato singular e deliberado, senão antes como a prática reiterativa e referencial mediante a qual o discurso produz os efeitos que nomeia” (BUTLER, 2002, p.18). Para a autora, os gêneros são conceitos performativos, passam pela criação e pelo momento de “tornar-se” algo, os sujeitos são formatados a partir dos discursos, assim o pensamento da autora interliga-se com o de Simone Beauvoir (1980) em “O segundo sexo”, quando acredita que ninguém nasce homem ou mulher, mas sim, torna-se. Com isso, pode-se pensar que os discursos fecham e delimitam as formas de ser e viver porém, a invenção dos corpos também pressupõe, a sua reinvenção

---

<sup>1</sup> LOURO, 2001, p.544



continua. Pode-se perceber que a teoria “*queer*” tem a intenção de abalar certas formas “fechadas” de pensar, inclusive no meio acadêmico, portanto, este texto pode ser nada “*queer*”.

### III. Da afirmação de existir

A intenção aqui, não é criticar o pensamento de Platão em prol da valorização das ideias da Filosofia da Diferença, já que, desta maneira, se estaria cometendo o mesmo equívoco que o pensamento dualista platônico instaurou. Descolando-se de juízo de valores e hierarquização, cabe o questionamento sobre quais os efeitos dessa busca pelos modelos de perfeição tem causada a nossa sociedade? Qual o preço que se paga pela busca constante de semelhança ao ideal e marginalização daquilo que não quer assemelhar-se?

A sociedade eclode em seus incontáveis modos de existência pulsantes e sufoca-os em prol de excludentes e majoritários modelos e modos de existência de mercado. Condenados são, aqueles que não buscam a reprodução, mas invenção de modos de existir, de viver, de habitar. As imagens do corpo *queer* não são cópias mal feitas, pois elas não estão interessadas em copiar alguém, mas buscam provocar intervenções na identidade biológica e dessa maneira afirmam sua autenticidade.

O corpo não é menos que a alma, porque tudo se agencia, eles não podem ser pensados de forma separada, justamente porque não são, eles coexistem e se compõem. Dessa maneira, as verdades a serem seguidas não são mais que construções culturais e filosóficas, e sendo assim, experimentação do corpo não segue nenhuma linha evolutiva, não tem início nem fim e não cessam de acontecer.

Infinitas séries percorrendo o corpo, vivendo a multiplicidade de outros que a mediocridade de uma única vida não comporta. Um mundo perpassado por novas potencialidades ontogênicas, novas estéticas da existência, um cenário com os mais diversos seres que ecoam por uma nova arte de existência (DINIS, 2008, p.359).

Pouco interessa ao corpo o que é considerado feminino e o que é considerado masculino pela cultura, não existe uma essência, mas um corpo como o resultado de um conjunto de forças e circunstâncias e que, dessa maneira, pode ser feito e desfeito e está em constante transformação. O “eu” é sempre múltiplo, nunca universal. “Tornamo-nos simulacros,





perdemos a existência moral para entrarmos na existência estética[...] O simulacro é construído sobre uma disparidade, sobre uma diferença, ele interioriza uma dissimilitude (DELEUZE, 1974, p.263).

A partir do momento em que se afirma essa diferença, reconhece-se uma potência de existir, da permissão da existência de um corpo nômade em um circuito de possibilidades de “eu” sem fim. Ao invés da divisão de saberes em gêneros, identidades, estruturas binaristas e oponentes, propõe-se um exercício de multiplicação das diferenças, buscando trânsitos livres na busca de novas conexões infinitas.

Ver-se de novos modos, dizer-se de novas maneiras, estranhar a imagem refletida no espelho que recorta nossas infinitas possibilidades, recusar toda a miragem de identidade que nos torna limitados. O desafio de uma experimentação que leve em conta não identidades, mas devires, não retrospectiva do passado, mas o próprio presente. Ensaiai novas formas de subjetividade, novas estéticas de existência (DINIS, 2008, p. 361).

A teoria *queer* vem, como uma maneira de resistir a esse exílio, uma dentre tantas novas formas de existência que acontecem e se transformam o tempo todo e que gritam pelo simples direito de existir. Em meio as inconclusões desta escrita, que não se fecham, um questionamento: por que isso tem lhes/nos/nós custado tanto?





## Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan. Sobre los límites materiales y discursivos del sexo**. Buenos Aires: Paidós. 2002

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva; EDUSP, 1974.

DINIS, Nilson Fernandes. A esquizoanálise: um olhar oblíquo sobre corpos, gêneros e sexualidades. **Sociedade e Cultura**. Goiás, v.11. n. 2 jul-dez, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2001, vol.9, n.2, pp.541-553

MADARASZ, Norman. A potência para simulação: Deleuze, Nietzsche e os desafios figurativos ao se repensar os modelos da filosofia concreta. **Educ. Soc.** Campinas, vol. 26, n. 93. p.1209- 1216. set-dez, 2005.

SALES, Alessandro Carvalho. Platão e o simulacro: a perspectiva de Deleuze. **Rev. Univ. Rural**, Sér. Ciências Humanas. Seropédica. Rio de Janeiro, EDUR. v.28, n. 21, jan-dez, 2006.

SEIDMAN, Steven. “**Deconstructing Queer Theory or the Under-Theorization of the Social and the Ethical**”. In: NICHOLSON, Linda; SEIDMAN, Steven. (Orgs.). *Social Postmodernism. Beyond identity politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 116-141.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014